

Realidade da castração, que realidade

ROGER DOREY (*)

No Natal de 1937, alguns meses antes da sua partida para Londres, num momento em que experimentava grande inquietação quanto ao seu estado de saúde e à situação política da Áustria marcada pela ameaça iminente da invasão nazi, Freud começou um trabalho que deixou inacabado. O manuscrito, que está datado de 2 de Janeiro de 1938, tem por título: *die Ichspaltung im Abwehrvorgang*; a sua publicação só foi realizada após a sua morte, em 1940. Tem-se prestado uma particular atenção a este texto breve, mas de grande densidade. O interesse não vem exclusivamente do facto de ser um dos seus últimos escritos, mas sobretudo, naturalmente, do tema sobre o qual Freud faz incidir a sua reflexão. Um tema que devia suscitar particularmente a sua interrogação, uma vez que o abordará, uma vez mais, aliás, para lhe aumentar o alcance, neste último escrito que é o *Esboço de Psicanálise*.

Freud trata o comportamento do ego em certas circunstâncias difíceis, consideradas

(*) Psicanalista. Presidente da Association Psychanalytique de France. Antigo chefe de clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina de Strasbourg, doutor *ès lettres et sciences humaines*, professor de psicopatologia na Universidade de Paris X — Nanterre.

mesmo como traumáticas. Face a uma realidade particularmente constringedora, o ego adopta uma dupla atitude. Por um lado, reconhece esta realidade perigosa e submete-se-lhe; por outro lado, por um mecanismo específico, a recusa (*Verleugnung*), repele esta realidade e nega-se a tê-la em conta. O resultado é uma «fractura no ego, fractura que nunca se curará, mas que aumentará com o tempo»⁽¹⁾. Esta clivagem do ego (*Ichspaltung*) estabelece-se durante a infância como resultado de certas experiências bem definidas, e encontramos-la mais tarde, no adulto, durante o trabalho analítico. Embora considerando que esse processo se pode desenvolver em diferentes circunstâncias, Freud dedica-se a pô-lo em evidência num exemplo privilegiado, o do feiticismo e, nesta perspectiva, a mostrar a sua estreita articulação com o complexo de castração. Contudo, trata-se de um desenvolvimento teórico já conhecido, pois tinha sido anteriormente abordado, em 1927, no artigo *Fetichismus*. Nestas condições, a declaração liminar de Freud no seu trabalho de 1938 retém logo a nossa atenção. «Por agora — escreve — encontro-me na interessante posição de não saber se o que

(1) G. W., XVII, p. 60.

quero comunicar deve ser considerado como há muito conhecido e óbvio, ou como inteiramente novo e desorientador. Creio que é este, provavelmente, o caso»⁽²⁾. Reflexão que desde o início deste texto, não deixa, com efeito, de nos surpreender, até mesmo de nos desconcertar, em todo o caso de nos solicitar; o objectivo é, pois, atingido.

Evidentemente que muito se tem reflectido sobre esta curiosa confidência, mas a multiplicidade de interpretações que suscitou tende a reduzir-lhe o alcance. Antes de mais, precisamos de afastar a primeira possibilidade, a que considera que o assunto que vai ser tratado não passa de uma evidência já há muito conhecida. Além de não fazer parte dos hábitos de Freud pegar na caneta para repetir qualquer coisa de óbvio, podemos ter a certeza que sobre este assunto, mais talvez que sobre qualquer outro, a sua reflexão está em curso, e que com este texto vamos, com ele, dar um passo em frente. Nesta progressão que se delineia desde o trabalho sobre o *Feiticismo* até ao *Esboço*, a clivagem do ego apresenta-se, com efeito, como um momento decisivo. No limiar, Freud hesita. Face ao que nos quer comunicar e que só pode ser de primeira importância, que supõe ser de facto novo e verdadeiramente estranho, insólito (*befremdend*), ele próprio está, podemos dizê-lo, numa posição *clivada*. Por um lado, tem tendência para se recusar a reconhecer a novidade e a importância do que vai avançar, por outro lado reconhece-a e tem já a noção do seu verdadeiro alcance.

A que é que se deve a originalidade e o valor teórico deste texto? Não se limita decerto a uma abordagem psicanalítica mais aprofundada do feiticismo enquanto tal; se este se encontra mais esclarecido é porque um problema mais geral e mais fundamental, com o qual ele se articula, aí é abordado. Também não descreve de novo a

posição clivada do ego nalguns dos seus estados, face à realidade exterior. Como já mencionámos anteriormente, o facto já foi reconhecido, no feiticismo como é evidente, mas também em organizações neuróticas e, em certa medida, ainda na psicose. Além de *Fetichismus*, outros textos tinham esboçado esta reflexão, particularmente *Neurose e psicose* e *A perda da realidade na neurose e psicose*, em 1924. Ora se, no texto de 1938, Freud retoma de novo a questão da clivagem do ego, é, na nossa opinião, porque se lhe impõe a necessidade de precisar melhor a sua articulação com o complexo de castração. Nesta perspectiva, o feiticismo apresenta-se como um modelo de estudo, efectivamente privilegiado, a que recorre de novo, e isto essencialmente por duas razões. Por um lado, a cisão do ego é aí particularmente evidente, facilmente perceptível; por outro lado, toda a problemática é centrada na experiência da descoberta da diferença dos sexos. As novas interrogações a que Freud submete esta experiência decisiva, quer em condições normais de desenvolvimento quer nos seus desvios patológicos, leva-o a utilizar, no que respeita à castração, uma formulação que nos parece inteiramente nova. Depois de ter retomado o tema da conjunção necessária da descoberta perceptiva, pela criança, da ausência de pénis na mulher e da ameaça relativa aos seus próprios órgãos genitais — ameaça sempre imputada ao pai — Freud exprime-se do seguinte modo. A criança — diz ele — «deve doravante acreditar na realidade do perigo de castração» (*Er muss fortan an die Realität der Kastrationsgefahr glauben*)⁽³⁾. A expressão aqui utilizada não deve ser subestimada, já que se conhecem as precauções de Freud ao propor qualquer formulação que tenha um alcance teórico preciso. É o que acontece neste caso, visto que o perigo da castração

(2) *Ibid.*, p. 59.

(3) *G. W.*, t. XVII, p. 61.

realidade. Antecipando o que desenvolveremos ulteriormente, podemos dizer que Freud nos introduz, assim, num tipo específico de realidade, que a seguir distinguiremos melhor, realidade face à qual o ego se cliva mais profundamente ainda no feticismo, realidade que está em jogo nas condições normais de desenvolvimento, realidade que se constitui como uma ordem específica em relação à qual o sujeito está necessariamente dividido. Por outro lado esta realidade do perigo da castração que simultaneamente participa da realidade interior, pelo fantasma correspondente, e da realidade exterior, objectiva, a da diferença anatómica entre os sexos, não é evidentemente redutível nem a uma nem a outra. Exprimindo-se assim, Freud faz, de facto, desta realidade, uma *instância* particular que, por si, entra directamente em jogo com as instâncias constitutivas da personalidade, particularmente com o ego.

A leitura do texto original, em alemão, é indispensável se se quer, na verdade, identificar a especificidade do que aqui é discutido. Também é preciso que este texto de 1938 seja confrontado com todos os precedentes em que Freud aborda as relações do complexo de castração e da realidade. As traduções francesas onde se recorre constantemente à palavra realidade para traduzir uniformemente vários termos muito diferentes, têm tendência a apagar as principais variações perceptíveis no pensamento de Freud e, por isso, tornam-nos dificilmente acessíveis os movimentos da sua concepção essencialmente evolutiva. Esta precisa de ser delineada nos seus aspectos principais se se quer verdadeiramente realçar a originalidade do texto sobre a clivagem.

Já avançámos atrás que a expressão «realidade do perigo de castração» era uma fórmula completamente nova e carregada de significação. Com efeito, nos textos anteriores, Freud apresenta a castração noutros termos quando se trata de a situar em rela-

ção à realidade. O problema só é, de facto, abordado a partir do momento em que o complexo de castração é afirmado na sua universalidade e quando a sua articulação com o complexo de Édipo é inteiramente reconhecida. É então que a ameaça toma plena significação e é precisamente a seu respeito que se põe o problema da realidade. Nos textos dos anos 1924 e 1925, que tratam do desaparecimento do complexo de Édipo e das consequências psicológicas da diferença anatómica entre os sexos, a ameaça é considerada como uma realidade objectiva, concreta, à semelhança da outra realidade com a qual se conjuga necessariamente, a da ausência de pénis na mulher. Mesmo quando se reveste de uma forma discreta ou indirecta, esta ameaça é sempre efectiva. Dando posteriormente sentido à descoberta perceptiva que a precedeu, ela está na origem desta terrível tempestade emocional que submerge o jovem rapaz e o constrange — diz-nos Freud — a «acreditar na realidade de uma ameaça de que se ria até então», (*unterwirft ihn dem Glauben an die Wirklichkeit der bisher verlachten Androhung*) (*). Constatamos que, para falar desta realidade, Freud utiliza a palavra *Wirklichkeit*. Através desta escolha terminológica, confirma nitidamente o que o contexto levava a pensar, a saber, que a ameaça de castração é considerada na sua realidade mais concreta, a mais tangível. *Wirklichkeit*, com efeito, deve ser claramente diferenciada de *Realität*, ainda que em francês só seja possível traduzi-las, uma e outra, pelo termo único de realidade. *Realität* tem, em todo o caso, um sentido mais abstracto, mais essencial; em suma, poder-se-ia dizer, mais filosófico. Não é este precisamente o termo utilizado por Freud no texto de 1925, mas é aquele a que recorre em 1938 no seu trabalho sobre a clivagem, o que nos leva a pensar que este uso da ter-

(* *G. W.*, t. XIV, p. 24.

minologia não é simplesmente obra do acaso antes comporta uma profunda significação, a que atrás esboçámos.

A questão é retomada no ano seguinte, em 1926, em *Inibição, sintoma e angústia*, e vemos já desenhar-se o início de uma evolução conceptual. O contexto é diferente uma vez que a discussão é sobre a natureza e a origem da angústia. Após uma longa e minuciosa análise metapsicológica de duas observações de fobia de animais, Freud conclui: «O afecto de angústia, que constitui a essência da fobia, não tem por origem nem o processo de recalçamento, nem os investimentos libidinais das noções recalçadas, mas o próprio recalçante»⁽⁵⁾, quer dizer, a angústia de castração que acaba de ser reconhecida como o verdadeiro motor do recalçamento. E continua: «A angústia da fobia de animais é a angústia de castração não transformada, portanto, uma *Realangst*...». Fixemo-nos um momento sobre esta palavra que acaba de ser forjada por Freud, pois ela traz-nos igualmente esclarecimento sobre o problema que nos ocupa. De acordo com a anotação de J. Laplanche e J. B. Pontalis, «em *Realangst*, *Real* é substantivo; não qualifica a angústia em si, mas aquilo que a motiva»⁽⁶⁾. Com efeito, *Real* deriva de *das Reale*, a realidade, o real. Para a compreensão exacta do alcance e significação deste novo termo, é preciso lembrar que *Realangst* faz parte de um par de oposições no qual ele é constantemente posto em paralelo com dois outros termos praticamente equivalentes: *Triebangst* e *neurotische Angst*, quer dizer a angústia face à pulsão e a angústia neurótica. Em oposição, *Realangst* não deve ser entendida como uma angústia real, mas como uma angústia em relação a um perigo exterior, e com efeito, Freud escreve logo de seguida: «Uma an-

gústia face a um perigo verdadeiramente iminente, ou julgado como real» (*Angst vor einer wirklich drohenden oder als real beurteilten Gefahr*)⁽⁷⁾. Poderemos, nestas condições, aderir à proposição de Laplanche e Pontalis que traduzem *Realangst* por «angústia face a um perigo real»? Temos a impressão de forçar ou de, pelo menos, antecipar o pensamento de Freud que, neste escrito de 1926, assimila a castração a um perigo exterior, verdadeiramente iminente, mas que apenas é *considerado como real e não afirmado como tendo o estatuto de realidade integral*. Aliás, disso nos é dada a confirmação alguns capítulos à frente, quando Freud fala de um «*verdadeiro perigo exterior, o da castração*», e escreve: *eine richtige äussere Gefahr, die der Kastration*⁽⁸⁾. Para qualificar este perigo exterior de castração, não utiliza como adjectivo nem *real*, nem mesmo *wirklich*, mas precisamente o qualificativo *richtig*, que de modo nenhum põe este perigo como propriamente real, mas como verdadeiro. Contudo, não deixa de ser verdade, neste texto de 1926, que a evolução conceptual de Freud é sensível. Nesta articulação que se desenha mais claramente entre o complexo de castração e a realidade, já não se faz expressamente referência à ameaça efectiva como tal, uma ameaça cuja realidade objectiva, concreta, não parecer o papel que tinha anteriormente. Toda a problemática da castração se articula agora em torno de dois pólos directamente ligados, a angústia e o perigo que a determina. Esta noção de perigo possui uma fecundidade determinada na medida em que está na origem da oposição entre *Triebgefahr*, o perigo pulsional interior, e *Realgefahr*, o perigo exterior, que não devemos traduzir — se queremos conservar o seu verdadeiro sentido — por perigo real, mas por perigo de realidade, tendo o termo sido

(5) *G. W.*, t. XIV, p. 137.

(6) *Vocabulaire de psychanalyse*, P. U. F., Paris, 1967, p. 29.

(7) *G. W.*, t. XIV, p. 137.

(8) *Ibid.*, p. 157.

forjado do mesmo modo que *Kastrationsgefahr*, o perigo de castração. Ora é precisamente este que, enquanto *Realgefahr*, está na origem da angústia de castração considerada como *Realangst*, quer dizer, como angústia de realidade. Assim definido, o perigo de castração parece situar-se, neste texto, a meio caminho entre a ameaça efectiva e o estatuto que lhe será dado mais tarde, o de uma realidade específica, essencial, em relação à qual a clivagem do ego toma a sua verdadeira significação.

Vimos, assim, que, desde a introdução de Freud, em 1923, da noção determinante de organização genital infantil que institui o primado do falo nos dois sexos, todos os anos um novo artigo veio precisar melhor a teoria do complexo de castração. Após o reconhecimento do seu papel, em 1926, na formação do sintoma neurótico, Freud volta-se, no ano seguinte, para um outro tipo de organização patológica, terreno de eleição para o estudo da castração, o feiticismo. Curiosamente, neste texto, Freud parece ter abandonado completamente esta importante noção de *Kastrationsgefahr*, de perigo de castração, acabada de introduzir, e que já mostrámos como correspondia a um progresso do seu pensamento. Porém, não retoma, evidentemente, a sua posição anterior relativa à ameaça efectiva considerada como um acontecimento cujo carácter relativo ele conhece agora. Neste trabalho, o essencial do desenvolvimento é centrado no facto anatómico da ausência de pénis feminino e na sua percepção pela criança. O mecanismo de *Verleugnung*, que optámos por traduzir por *recusa*, é longamente discutido neste texto, e Freud, ao procurar formulá-lo na sua verdadeira especificidade, vê o seu campo de aplicação claramente definido. A recusa aplica-se efectivamente à percepção da ausência de pénis na mulher (mãe). Freud escreve precisamente isto: «*Der Hergang war also der, dass der Knabe sich geweigert hat, die Tatsache seiner Wahrnehmung, dass das Weib keinen Penis be-*

sitzt, zur Kenntnis zu nehmen»⁽⁹⁾. Quer dizer: «O desenrolar dos factos era este: o rapaz recusou-se a tomar conhecimento do facto da sua percepção, a saber, que a mulher não possui pénis». Surpreendemo-nos ao constatar que a tradução francesa publicada deste texto propõe-nos o seguinte: «O processo era este: a criança recusou-se a tomar conhecimento da realidade da sua percepção: a mulher não possui pénis»⁽¹⁰⁾. Sem nos determos nos dois erros relativos à *Hergang* e *Knabe*, secundários no conjunto, não podemos deixar de assinalar o nosso profundo desacordo com a tradução da expressão «*die Tatsache seiner Wahrnehmung*» por «a realidade da sua percepção», porque esta é uma negligência com consequências graves. Traduzir *Tatsache* pela palavra realidade quando o substantivo *facto* é o único termo em francês que lhe corresponde verdadeiramente, é já dar uma interpretação tendenciosa do ponto de aplicação e do mecanismo de acção da *Verleugnung*. Se agirmos deste modo, a confusão é total visto que temos já uma grande dificuldade em introduzir, em francês, uma diferenciação terminológica entre *Wirklichkeit* e *Realität*, sabendo, no entanto, qual é a sua importância. Com efeito, não seria certamente falso dizer que grande parte da evolução do pensamento de Freud no que respeita «à realidade da castração» está compreendida entre estes dois termos. E é sobre o trajecto de um para o outro que devemos situar o facto da percepção da ausência do pénis, enquanto, neste texto de 1927, é ele e apenas ele que é abrangido pela recusa. Mas é também precisamente em relação a ele que se constitui a clivagem do ego do feiticista. Para a descrever, Freud utiliza a mesma palavra: «a castração da mulher» é um «facto desagradável» (*unlie-*

(9) *G. W.*, t. XIV, p. 312.

(10) *La vie sexuelle*, P. U. F., Paris, 1969, p. 134.

bsame Tatsache)⁽¹¹⁾ e não uma «desagradável realidade». Na comparação que estabelece entre o feiticismo e o que observou em dois pacientes neuróticos tomados como exemplo, trata-se de um facto equivalente ao da morte do pai. Num caso como no outro, a *Spaltung* é caracterizada pelo seguinte: uma corrente psíquica não reconhece o *facto*, enquanto a outra corrente o tem perfeitamente em conta. Mas o que é que acontece com a realidade neste texto? Na verdade, a palavra aí aparece e é utilizada para descrever as relações do ego com o id, por um lado, e, por outro, com a realidade, no quadro geral de uma distinção entre a neurose e a psicose. Depois dá novamente o seu contributo para determinar um facto preciso: a morte do pai qualificada de «peço certamente significativo da realidade», (*ein gewiss bedeutsames Stück des Realität*) que «tinha recebido uma recusa do ego, tal como no feiticista o facto desagradável da castração da mulher»⁽¹²⁾. Do mesmo modo, quando a clivagem é apresentada como coexistência de «duas posições, a fundada sobre o desejo e a fundada sobre a realidade», a descrição referencia-se aos dois pacientes neuróticos. É preciso, pois, verificarmos que, em nenhum momento deste percurso, Freud exprime directamente, nitidamente, a ausência de pénis na mulher em termos de realidade. Reserva sem dúvida significativa porque este facto perceptivo, concreto, pertence à realidade exterior tal como o outro facto ao qual ele o compara, a morte do pai. Reserva claramente compreensiva, contudo, se considerarmos que a falta de pénis não poderia ser considerada isoladamente, uma vez que só adquire significação em função de uma ameaça à qual se conjuga necessariamente. Esse é o verdadeiro alcance do perigo de castração tal como tinha sido anteriormente mostrado

⁽¹¹⁾ *G. W.*, t. XIV, p. 315.

⁽¹²⁾ *Ibid.*, p. 315.

em *Inibição, sintoma e angústia*, e como será posteriormente retomado e confirmado no texto sobre a clivagem que o estabelece como realidade específica.

Nesse trabalho, a que agora temos que regressar, qual é a especificidade desta realidade? Para o saber, temos de retomar a apresentação que Freud faz das condições de aparecimento da angústia de castração, e, em primeiro lugar, no decurso da evolução normal. Consideremos, antes de mais, que o ego está «ao serviço de uma poderosa reivindicação pulsional», traduzindo-se concretamente, no rapaz, por uma actividade masturbatória. Esta, sabemos-lo, só tem sentido coerente ao constituir «a descarga genital da excitação sexual pertencente ao complexo de Édipo»⁽¹³⁾, e é exactamente assim que ela deve ser considerada se queremos avaliar o seu verdadeiro alcance. Aparece, então, uma ameaça expressa em termos de supressão dos órgãos genitais, directa ou indirectamente sempre referida ao pai e naturalmente motivada pela actividade auto-erótica assim sancionada. Devido à significação edipiana desta última, podemos dizer que esta ameaça tem por função veicular o interdito paternal no que respeita aos desejos incestuosos, sendo, portanto, a expressão da proibição do incesto, quer dizer, da Lei. Tal é o registo no qual esta ameaça se inscreve. No entanto, considerada isoladamente, permanece sem acção; a criança recusa-se a acreditá-lo. Só tem eficácia — e Freud sublinha-o fortemente — quando é conjugado com a descoberta perceptiva da ausência de pénis feminino cuja lembrança ela desperta. Esta percepção só toma, portanto, a sua verdadeira significação pelo efeito posterior, e a ameaça permite-lhe inscrever-se num novo contexto significativo, o qual lhe fornece a sua plena eficácia psíquica.

⁽¹³⁾ *G. W.*, t. XIII, p. 398.

Tentemos configurar o conjunto do processo que deriva da conjugação destes dois tipos de factores. Somos obrigados — arriscando-nos a ser esquemáticos — a distinguir dois tempos lógicos, embora em completa interacção. Num mesmo movimento, a criança dá sentido ao facto perceptivo, quer dizer, reconhece que a mulher (a mãe) foi castrada pelo pai e, por outro lado, passa a acreditar na realidade da ameaça que lhe foi feita. Uma leitura atenta do texto freudiano põe em evidência o repetido recurso a dois substantivos que nos parecem essenciais neste assunto: «acreditar» (*glauben*), e «reconhecer» (*anerkennen*). Consideramos este uso terminológico como altamente significativo na tradução da existência de dois processos simultaneamente distintos e intrincados: um processo de crença e um processo de reconhecimento. O reconhecimento da falta de pénis na mãe abre espaço à crença. Freud diz-nos: «a criança passa a acreditar na realidade do perigo da castração», despertar de uma crença que devemos compreender como acesso à realidade do interdito paterno, a da proibição do incesto, quer dizer, a realidade da Lei. É este, pois, o verdadeiro sentido pelo qual se define a especificidade da realidade do perigo da castração, especificidade que nos esforçamos por realçar no meio deste texto, onde Freud, pela primeira vez, a esclarece progressivamente.

Consideremos agora o desenrolar do processo tal como pode ser considerado no feiticismo. Neste caso, o rapaz — precisa Freud — recusa-se a «reconhecer que a mulher perdeu o seu pénis», disso resulta que «a ameaça que lhe foi feita perdeu a sua credibilidade (*Glaubwürdigkeit*)», então, «não tem mais necessidade de temer pelo seu próprio pénis» e pode «prosseguir tranquilamente a sua masturbação»⁽¹⁴⁾. Compreende-se, então, que a especificidade do

mecanismo de acção da recusa (*Verleugnung*), sobre o qual assenta o edifício inteiro, reside nisto: a criança, ao constatar a ausência do pénis feminino — simples facto (*Tatsache*) perceptivo — recusa-se a reconhecer-lhe significação, a saber: «a mulher foi castrada pelo pai». Freud precisa que ele «não contradisse simplesmente (*widersprochen*) a sua percepção, alucinando um pénis onde ele não pode ser visto, antes procede a uma deslocação de valor (*Wertverschiebung*), transferiu a significação do pénis (*Penisbedeutung*) para outra parte do corpo»⁽¹⁵⁾, constituindo-a assim como fetiche. A *Verleugnung* apresenta-se, pois, muito precisamente, como recusa em reconhecer ao facto perceptivo de ausência de pénis na mulher (a mãe) o seu valor significativo; a falta como significante da diferença, o falo como significante da Lei. A consequência desta definição da recusa é que a ameaça perde a sua credibilidade, a criança não acredita na realidade do perigo de castração, pelo que pode prosseguir a sua actividade masturbatória, quer dizer, não renunciar aos seus desejos incestuosos.

Contudo, ao exprimirmo-nos deste modo, só consideramos uma corrente psíquica. A outra corrente, a que tem origem no facto de a ausência ter sido reconhecida no seu alcance significativo, constitui-se paralelamente como crença na realidade do perigo de castração. «As duas reacções ao conflito, reacções opostas, mantêm-se como núcleo de uma clivagem do ego»⁽¹⁶⁾. É esta a verdadeira significação da clivagem do ego: ser clivagem face à realidade do perigo de castração, isto é, a realidade da Lei.

No termo desta reflexão, temos a impressão de compreender melhor porque é que, no texto de 1938, Freud introduz o assunto de um modo tão desconcertante. Voltando mais uma vez ao complexo de castração,

⁽¹⁴⁾ *G. W.*, t. XVII, p. 61.

⁽¹⁵⁾ *Ibidem*, p. 61.

⁽¹⁶⁾ *Ibid.*, p. 60.

que põe fundamentalmente a questão da relação do ego com a realidade, a sua interrogação condu-lo progressivamente a ter de determinar a natureza desta realidade. Rompendo com a *Wirklichkeit* da ameaça efectiva que constituía a base da sua teorização, delinea a realidade específica de um perigo que não se reduz às contingências de uma vivência individual; uma realidade que se apresenta como uma espécie de estrutura pré-subjectiva, universal, que o sujeito encontra e que o constitui. Reconhecemos aí as características fundamentais do fantasma originário ao qual Freud atribuía uma base de realidade, uma realidade filogenética: tinha sido assim na história da espécie. Mas em nenhum momento deste escrito Freud introduz esta dimensão de fantasma originário. Parece delinear-se uma nova perspectiva que leva à constituição de uma ordem verdadeiramente específica que não é redutível nem à realidade interior do desejo e do fantasma, nem à realidade exterior, material (a realidade anatómica da diferença

dos sexos), realidades de que, contudo, procede, e com as quais está na mais estreita interacção. Ordem que não se poderia conceber fora da sua articulação com a problemática edipiana, isto é, com a lei da proibição do incesto. Realidade de ordem cultural, portanto de natureza simbólica; ordem de valores (*Wert*), ordem do significante.

Para além da problemática limite do feiticismo, verdadeira caricatura que se impõe à nossa reflexão, este texto sugere-nos, antes do mais, que qualquer humano resulta do seu encontro com a ordem simbólica, estabelecida enquanto realidade, que o sujeito é fundamental e originariamente clivado. É o que Freud retomará, numa perspectiva um pouco diferente, dando-lhe toda a sua generalidade, no *Esboço de Psicanálise*, deixando esta última reflexão aos seus herdeiros⁽¹⁷⁾.

(17) Para a utilização feita, ver o comentário de Wladimir Granoff em *La pensée et le féminin*, Minuit, Paris, 1976, pp. 460 ss.